

## Maria Josephina Rabello Albano – A intrépida desafiadora

---

Ilda Lopes Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

*“A profissão era um movimento, era uma coisa muito mais profunda que uma simples profissão”  
(Albano, J.J.R.sd)<sup>2</sup>*

O nome Maria Josephina Rabello Albano foi institucionalizado pelo Conselho Regional de Serviço Social – 7ª. Região, CRESS, ao dar esta denominação, em maio de 1996 à sua Biblioteca como forma de homenagear a assistente social que foi sua primeira presidente no período de 1963 a 1966.

Esta honraria à pessoa de Josephina Albano encontra respaldo no que Arendt disse: “... a fama póstuma da pessoa geralmente vem precedida pelo mais alto reconhecimento entre seus pares” (Arendt, 2003, p.134).<sup>3</sup>

Josephina Albano, que aqui é lembrada, mostrou na sua trajetória uma conjunção feliz e rara de múltiplos talentos: professora, assistente social, assessora, consultora, viajante, realizadora pragmática de projetos com competência solidária e semeadora de iniciativas capazes de orientar ações.

Em 31 de janeiro de 1916, em Fortaleza, Ceará, nasceu Josephina Albano, segunda filha de uma irmandade de mais duas irmãs e um irmão. Seu pai Ildefonso Abreu Albano (comerciante e político) e sua mãe Alpha de Queiros Rabello migraram com a família para o Rio de Janeiro em julho de 1924.

Estudou interna no Colégio Assunção (católico), situado no bairro de Santa Tereza, onde concluiu seu curso ginasial em 1936. Em março do ano seguinte passou para a Universidade do Distrito Federal (Faculdade Nacional de Filosofia), hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, concluindo nesta o curso de História e Geografia em 1940. Também ingressou simultaneamente, a partir de julho de 1937 na Escola de Serviço Social do Instituto Social, hoje Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, formando-se na primeira turma, três anos depois. Sem levar em consideração esse pano de fundo de sua formação, que se tornou a experiência decisiva para a jovem Josephina Albano, dificilmente pode-se entender porque a expressão “desafiadora” passa a ser a figura chave de seu percurso profissional.

Fica-se tentado a pensar que a notoriedade imediata alcançada veio da circunstância que ela foi a primeira aluna a ser matriculada no primeiro curso de Serviço Social do Rio de Janeiro do mencionado Instituto Social. Ou de ter finalizado essa formação com a primeira turma de quatro concluintes (Margarida Maria Mota Vieira, Maria Luiza Fontes Ferreira, Irene Tavares de Nunes de Sá, Maria Josephina Rabello Albano).

Essas informações embora relevantes não seriam suficientes para responder à pergunta – “Quem é Josephina Albano?” Ou seja, o que lhe é atribuído como próprio, singular, específico, aquilo que não encontra precedente na história.

---

<sup>1</sup> Assistente Social, Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Livre Docente em Serviço Social pela Universidade Gama Filho. Professora do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

<sup>2</sup> Entrevista concedida por Albano, M.J.R. a Reny Rastoldi Mesquita, sd, localizada no acervo do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

<sup>3</sup> ARENDT, Hannah. Homens em Tempos Sombrios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Essa identidade aparece nas palavras e atos com que se inseriu no mundo.

Assim, disse ela em suas recordações: “... não tinha certeza do que fazer. Meu pai dizia: vocês devem se preparar para ganhar a vida... Todos nós de nossa família nos formamos no curso superior”. “Eu queria ser enfermeira, mas a mãe desaconselhou isso. Fui fazer o curso de História e Geografia” (Minha Experiência em Serviço Social, sd).<sup>4</sup>

Sua capacidade de estudo era reconhecida, mas ela não desejava seguir a profissão de professora nessa área, apreciava a cultura a ser adquirida, entretanto, procurava algo diferente.

Nesse ínterim, sua mãe mostrou-lhe um prospecto que anunciava a criação das escolas de Educação Familiar e de Serviço Social do já mencionado Instituto Social, organização de origem católica. Interessou-se pela formação de assistente social, pois o curso segundo ela tinha matérias ligadas às Ciências Sociais, Sociologia, Psicologia, Filosofia e exigia uma parte prática de trabalhos com pessoas.

Esse campo social mostrou de pronto possibilidade importante para a jovem, pois já em 1938 (2º. ano do curso de Serviço Social) foi contratada pelo Juiz de Menores Sabóia Lima para trabalhar com ele, seguindo no Juizado com o Dr. Saul de Gusmão até 1941.

É importante destacar que pela Portaria No. 144 de 06 de março de 1940<sup>5</sup> do Ministério da Justiça e Negócios Interiores ela foi admitida para a função designada pela nomenclatura “Inspetor do Juizado de Menores do Distrito Federal”, pelo prazo de doze meses.

Certamente essa experiência forneceu material e inspiração para o desenvolvimento do estudo de sua Tese, hoje denominada de Trabalho de Conclusão de Curso sobre a situação da criança no Rio de Janeiro – Proteção à Infância Abandonada e Delinquente, que lhe confere o título de assistente social. A arguição e aprovação ocorreram em 28 de agosto de 1940. A banca foi composta pelas ilustres figuras: Olinto de Oliveira, Diretor da Assistência e Maternidade e Infância do Departamento Nacional da Criança; Augusto Sabóia Lima, Desembargador, Presidente do Tribunal de Justiça do antigo Distrito Federal; Manoel Lourenço Filho, pedagogo e Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos; e Stella de Faro, fundadora do Instituto Social.

Esse trabalho foi publicado em capítulos na revista *A Ordem*<sup>6</sup>, em 1940, sob o título “Proteção à Infância Abandonada no Brasil”.

Em 1940, também estudava inglês no Instituto Brasil Estados Unidos, IBEU, momento em que teve conhecimento de que havia disponibilidade de uma bolsa para Serviço Social na New York School of Social Work (primeira escola de Serviço Social fundada em 1889), na Universidade de Columbia, patrocinada pelo Instituto de Educação de Nova York. Logo, se inscreveu, mas a indicação final para obtenção da bolsa foi feita pelo Instituto Social.

A ousada jovem formada no Brasil, sob o lema do Instituto Social “Servir” iniciava um longo caminho de presença compartilhada com os outros, quer seja envolvida no seu próprio

---

<sup>4</sup> Minha Experiência em Serviço Social, sd., documento de Maria Josephia Rabello Albano, localizado no acervo do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

<sup>5</sup> Portaria depositada no acervo do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

<sup>6</sup> O periódico *A Ordem*, fundado em 1921, era o porta voz da filosofia do Centro Dom Vital que congregava intelectuais brasileiros católicos.

aperfeiçoamento, quer no sentido de responsabilizar-se no mundo comum de pessoas visando mudanças.

Ficou nos Estados Unidos de março de 1941 a dezembro de 1942, quando apresentou e defendeu sua dissertação em torno do tema da proteção à infância, regressando ao Brasil em janeiro de 1943, com o título de Master of Science da Universidade de Columbia.

Na verdade, alcançara uma posição acadêmica inédita no meio do Serviço Social que mal acabara de constituir a base da nova disciplina ensinada e praticada no país.

Para os assistentes sociais daquela geração a forma disponível de aperfeiçoamento nos Estados Unidos fora oferecida pela Política de Boa Vizinhança do presidente Franklin Delano Roosevelt voltada para América Latina no período da Segunda Guerra Mundial. Ela atraiu a juventude do Serviço Social. Pioneiras do Serviço Social, quer sejam oriundas do Rio de Janeiro ou de São Paulo, tais como Marília Diniz Carneiro, Aracy Cardoso, Helena Iracy Junqueira, Nadir Kfoury, eminentes figuras na formação brasileira, percorreram o caminho de frequentarem universidades norte americanas.

Nos Estados Unidos, como era esperado, Josephina Albano, além de frequentar as matérias de Serviço Social fez estágios junto às populações culturalmente distintas, como por exemplo, os portorriquenhos e outros grupos que recebiam assistência pública. Frequentou, ainda, Congressos e Seminários Nacionais realizados no país, tal a sede de adquirir novos conhecimentos e novos contatos.

Conheceu as bases de uma nova disciplina exercida por um grupo profissional reconhecido pela sociedade americana, orientada por uma filosofia de vida que coloca lado a lado o conhecimento e a prática de habilidades.

O curso ensinou uma metodologia do Serviço Social e desenvolveu uma atitude de respeito à pessoa “o assistente social não pode impor... Eu não me lembro de jamais ter pensado que o indivíduo tinha que se adaptar à sociedade...” (O Serviço Social que Eu Vivi, sd.)<sup>7</sup> disse a profissional.

A partir dessa experiência Josephina Albano desenvolveu, tanto como docente quanto como assistente social profissional, uma trajetória que aplicava o que aprendia e adaptava à realidade brasileira e à de outras plagas onde no futuro se engajaria.

Os exemplos da busca de educação continuada vivenciada pela jovem assistente social a acompanhou durante toda a sua vida. Vale apenas citar alguns cursos de pós-graduação no exterior, sem mencionar os nacionais, pela repercussão que tiveram em sua inserção profissional.

Em 1946, o Women’s Bureau de Washington organizou um curso a respeito da promoção do bem-estar da mulher e da criança trabalhadora. Josephina Albano participou do mesmo e recebeu o seu Certificado de Conclusão conferido pelo United States Department of Labor. Nesse período de seis meses, também frequentou aulas do Doutorado de Serviço Social na New York School.

Aliás, em 1979, foi atribuída a ela a titulação de Doutor, por equivalência, através do parecer 1538/79 do Conselho Federal de Educação. Era o reconhecimento afinal, a nível nacional do

---

<sup>7</sup> “Serviço Social que Eu Vivi”, documento de Maria Josephina Rabello Albano, localizado no acervo do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

saber acumulado até aquele momento, representado pelos mais de quarenta anos de exercício docente e profissional.

Em 1963 a Organização das Nações Unidas- ONU convidou-a a participar de um Grupo Técnico em Administração e Educação de Inquilinos em Programas de Habitação a Baixo Custo em Wellington, na Nova Zelândia. Josephina Albano foi pela América Latina num grupo de doze especialistas representantes de várias partes do mundo.

Continuando com a formação, destaca-se aquela alcançada pela frequência ao curso de Planejamento para o Desenvolvimento certificado pela University College of London, School of Environmental Studies, em 1972. O fenômeno da urbanização e suas consequências preocupavam os administradores e estudiosos da área de planejamento, dentre eles Josephina Albano, que já vivenciara desde a década de 1950 experiência em comunidades de periferia das grandes cidades.

Josephina Albano mostrou sempre grande vigor e fulgor, numa personalidade inconfundível como se pode acompanhar pela sua atuação, vale repetir, tanto no Brasil quanto no exterior.

Após a experiência no Juizado de Menores de fevereiro de 1940 a fevereiro de 1941, quando atuou junto a famílias necessitadas de assistência e desenvolveu estudos sobre as instituições de menores na época, intercalaram-se períodos riquíssimos de ações e iniciativas inovadoras.

De volta dos Estados Unidos após seu mestrado em março de 1943, logo é convidada a chefiar a Divisão de Assistência ao Menor e depois a Divisão de Obras Sociais recém-criadas na Legião Brasileira de Assistência – LBA.

A LBA tinha sido criada por Dona Darcy Sarmanho Vargas em outubro de 1942 para assistir as famílias dos pracinhas que tinham ido para a Europa e que mais tarde estendeu sua ação às famílias e crianças necessitadas de uma maneira geral. Josephina Albano levou consigo um grupo de assistentes sociais para organizar o trabalho que seria desenvolvido, entre eles, citou em seu testemunho “Zilah Villela Teixeira, Maria Silvia Ribeiro, Maria Izabel Gonçalves...” (O Serviço Social que Eu Vivi, sd).<sup>8</sup>

Uma ação que pode ser reportada nesse período como relevante diz respeito à chamada “Campanha da Redenção da Criança” que visava levantar fundos para a construção de Centros de Puericultura no Brasil. Nesse esforço Josephina Albano, acompanhada de dois colegas, Dr. Hermes Bartolomeu (médico do Departamento Nacional da Criança) e de Rosa Alvernas, percorreu o país ficando de 05 dias a uma semana em cada lugar divulgando a importância de um Centro dessa natureza e estudando a possível localização para a sua construção e implementação. Ao mesmo tempo, como a Legião destinara uma verba especial para constituir bolsas para candidatos ao estudo de Serviço Social, ela empenhou-se em localizar candidatos a esse benefício. A ideia era ter pelo menos uma pessoa de cada Estado para ir ao Rio de Janeiro e fazer o curso. Josephina Albano fez as démarches necessárias a esse intento, consultando autoridades de cada Estado e grupos de Ação Católica para indicarem nomes. O resultado foi que algumas dessas estudantes, mais tarde fundaram as primeiras escolas de Serviço Social em seus Estados.

Ainda na LBA, no ano de 1945, Josephina Albano recebeu um menino que tinha acabado o primário e queria continuar seus estudos, entretanto seu pai não tinha possibilidade de arcar com os custos de uma escola secundária particular. Sensibilizada com essa situação e sem

---

<sup>8</sup> O Serviço Social que Eu Vivi, sd, documento de Maria Josephina Rabello Albano localizado no acervo do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

resposta alcançável pelo programa público toma a iniciativa de convidar seu amigo americano Leslie Gage Weldon para ajudar Alfredo, esse era o nome do rapazinho. Ao lado desse senhor, juntaram-se outros participantes que entusiasmados com a ideia colaboraram com bolsas para uns doze a quinze meninos.

Para administrar o serviço criado e o acompanhamento aos jovens era preciso criar uma entidade jurídica, razão pela qual foi fundada, em 20 de setembro de 1950, a Associação de Assistência ao Adolescente, no Rio de Janeiro, com a finalidade de apoiar jovens para chegarem à Universidade. Esta instituição existe até hoje, vindo a participar na formação de centenas de jovens. Além de ser a inspiradora e co-fundadora, sempre que esteve no Brasil, Albano acompanhou de perto esta Associação, como presidente e como conselheira.

É oportuno observar que se estava vivendo, segundo Vieira (1984)<sup>9</sup>, nessas décadas, o período de fundação das primeiras escolas de Serviço Social e a tentativa de organização profissional, cuja participação efetiva de Albano foi relevante como sujeito histórico.

A experiência na LBA durou até 1947 quando foi convocada pela Organização dos Estados Unidos para um trabalho de Assessoria que duraria de outubro de 1947 a dezembro de 1948, nas Filipinas.

Contudo, terminada a responsabilidade no exterior, agora mais enriquecida com a vivência intercultural, regressa ao Brasil e em janeiro de 1949 já estava trabalhando no recém-criado Serviço Social da Indústria (SESI)<sup>10</sup>, Regional, do Rio de Janeiro (1948). O Serviço Social devia atuar nas empresas e nas comunidades. Assim, com seu espírito desafiador, ela pediu autorização para contratar assistentes sociais, formando-se uma equipe de profissionais para atuar especialmente nos centros sociais criados nas áreas suburbanas. Dentre os contratados desta época, pode-se citar Helena Pinheiro, Dulce Leite Pinto, Helena Josefina Pimenta, Araci Peixoto de Azevedo, Zileh Teixeira, Maria Izabel Oliveira, Isabel Forline, Pedro Vieira e Helena Farah, que anos mais tarde foi diretora do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

Talvez seja interessante ler a narrativa de Albano sobre um evento, que pode simbolizar os desafios enfrentados. Ela e os colegas foram convocados a preparar um trabalho para o 1º Congresso Inter-Americano de Medicina do Trabalho (1949). Depois de concluído, inscrito e já estando seus autores em Buenos Aires, foram informados que não podiam apresentá-lo, pois o referido documento fora considerado redigido sob uma “linha comunista”. Entretanto, Dr. Hamilton Nogueira como chefe da delegação brasileira, reuniu o grupo e concluiu que a observação feita não era procedente. Conta Josephina Albano: “A razão da objeção era uma das minhas conclusões, que sugeria que houvesse no Conselho Diretor do SESI representantes de empregadores e empregados com ‘voz e voto’. Afinal tratando-se de uma entidade que se propunha ‘ajudar o empregado’ era imprescindível que esse fosse ouvido quanto às suas necessidades e aspirações, era o que se poderia esperar” (O Serviço Social que Eu Vivi, sd)<sup>11</sup>.

O trabalho intitulado “A Orientação Social e o Desajustamento no Trabalho” não só foi apresentado, como foi agraciado com o Prêmio “Dr. Zoltan Lazar” da Unión Americana de la Medicina del Trabajo, em dezembro de 1949.

---

<sup>9</sup> Vieira, B. O. A História do Serviço Social – nova disciplina do novo currículo mínimo do curso de graduação em Serviço Social. In Debates Sociais, Rio de Janeiro, V.1, no. 1, outubro 1965, p. 50-66.

<sup>10</sup> SESI. Serviço Social da Indústria, entidade de direito privado criada efetivamente a 1 de julho de 1946.

<sup>11</sup> O Serviço Social que Eu Vivi, sd, documento de Maria Josephina Rabellho Albano localizado no acervo do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

A experiência no SESI, nos seus diferentes âmbitos foi pautada pelo afrontamento na defesa do direito social do trabalhador de buscar a justiça social. Foi instigante e aproveitável para o ensinamento que prestava na formação de novos Assistentes Sociais.

A qualidade humana expressa por Albano se manifesta nas suas ações e discursos plenos, naquilo que os gregos chamavam de “amor dos homens”, evidenciado na presteza de partilhar o mundo com os outros homens. É uma qualidade humana que ultrapassa o pessoal para fazer exigências políticas.

Em outubro de 1952, portanto, três anos após ingressar no SESI, Albano foi convidada pela Organização dos Estados Americanos, a que na época se chamava União Panamericana, através de seu secretário, para chefiar a Seção de Serviço Social. Novamente se ausenta do país pelo período de sete anos, regressando ao final de 1959.

Entre 1960 e 1961 (abril) prestou assessoria em Desenvolvimento de Comunidade e desenvolveu orientação e treinamento de pessoal nessa direção no Serviço Social Rural. Entidade autárquica criada pela lei 2.613, de 22 de setembro de 1955, subordinada ao Ministério da Agricultura, visando a melhoria das condições de vida da população rural.

A experiência de trabalhos comunitários, de organização e planejamento era invejável e produtiva.

No mesmo ano de 1960, Josephina Albano foi nomeada pelo Estado da Guanabara para lecionar História e Geografia, quando o sociólogo José Arthur Rios solicitou ao Governador Carlos Lacerda (1960-1965) que, em vez dela ensinar História e Geografia, fosse trabalhar com ele. Assim Albano chefiou o Departamento de Assistência Social, trabalhando com planejamento, execução, supervisão e avaliação dos programas de bem-estar social, na Secretaria de Serviços Sociais do Estado de Guanabara (maio de 1961 até novembro de 1962). Nas vésperas da saída do Governador Lacerda, Albano foi transferida para a Universidade do Estado da Guanabara para lecionar na Escola de Serviço Social.

Nessa época foi iniciada a política de transferência de famílias moradoras de favelas para conjuntos habitacionais, os programas de habitação na Vila Kennedy, Vila Esperança, Vila Aliança. Sua presença se fez por assessoria à presidência na Companhia de Habitação Popular do Estado da Guanabara – COHAB e chefia do Serviço Social. O trabalho era de orientação às famílias, programação da infra-estrutura social e comunitária (1 de dezembro de 1962 até 31 de janeiro de 1966). Segundo Albano “foi um trabalho sério, no meio do caminho, mudaram as regras do jogo...” (Entrevista concedida a Reny Rastoldi Mesquita, dezembro 1984)<sup>12</sup>.

Como ocupava cargo de confiança na COHAB no governo do Estado pediu demissão e passou a assessorar o Serviço Social Nacional de Habitação e Urbanização – SERFAU, ligado ao Banco Nacional de Habitação- BNH, na tarefa de orientar os municípios na elaboração dos planos diretores das cidades (2 de abril de 1966 a 10 de novembro de 1966). As cidades cresciam sem nenhum ordenamento.

O planejamento visava estudos em que a comunidade participasse na sua organização compreendida por zonas, tais como: residenciais, industriais, de comércio etc. e com destaque para áreas de parques e áreas verdes. Assessoria focava sua atuação no desenvolvimento do setor de comunidade. Josephina Albano já visitara muitos Estados da Federação, assim tinha

---

<sup>12</sup> Albano, M.J.R. Entrevista concedida a Reny Rastoldi Mesquita, dezembro de 1984. Texto localizado no acervo do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

parâmetros para análise da situação de cada município. Foi um trabalho envolvente e que chamou atenção.

Quando surgiu a ideia de se criar o Centro de Pesquisas Habitacionais-CENPHA, o seu nome foi indicado ao Diretor do BNH, que na época era Dr. Eulálio Nascimento Silva, para dirigi-lo.

Após gestões entre o SERFAU e a PUC-Rio foi estabelecido um convênio entre as duas instituições para o funcionamento do Centro.

O CENPHA foi instalado nas dependências da PUC-Rio no período de novembro de 1966 até novembro de 1972. Foi constituído um Conselho Consultivo com representantes, respectivamente do SERFHAU, do Instituto Brasileiro de Administração Municipal, do Instituto de Arquitetos, da Associação de Assistentes Sociais, do Instituto da Casa Popular e outros. Dentre seus objetivos pode-se destacar o de fazer pesquisa de habitação popular para conhecer culturalmente qual era o tipo de habitação mais indicada, pesquisa de materiais de construção, pesquisa de técnicas de construção civil e intercâmbio com outras entidades tanto nacionais como estrangeiras. Estava organizado em vários Departamentos, tais como: treinamento de pessoal, documentação, biblioteca, fiscalização. A área de avaliação das experiências das instalações das vilas habitacionais era importante, entretanto houve resistências a essa atividade, o que desgostou Albano que saiu ao fim de um ano da direção para passar a fazer apenas assessoria técnica.

Em realidade com o fechamento do CENPHA, a madura assistente social ficara desempregada, procurando emprego. Vivia-se no Brasil uma época de política difícil e os setores procurados por ela diziam que seu currículo “era bom demais”.

Ao final de seis meses foi chamada pelo Latinoconsult Brasileira Ltda., entidade de origem italiana a contribuir com sua sabedoria e experiência novamente no exterior, para fazer parte do planejamento urbano do plano diretor das cidades de Cochabamba e de La Paz , na Bolívia (31 de março de 1973 a 31 de outubro de 1973).

Ao término dessa consultoria técnica foi contratada pela Informação Documental da América Latina – INDAL, do Centro de Documentação para a América Latina, com vistas a análise, classificação, organização e publicação de documentos sobre a realidade sócio-religiosa da América Latina. No primeiro momento, ficou em Caracas, Venezuela, no período de novembro de 1973 até setembro de 1975. Depois, com a mudança de localização da instituição, foi para Montreal, Canadá, quando a instituição se estabeleceu na Universidade de Montreal, de setembro do mesmo ano até janeiro de 1978.

O INDAL, conforme dito, é um Centro de Documentação Sócio-Política Religiosa fundado em 1971 na Bélgica, com vistas a resgatar a documentação dos países da América. Era sabido que nas décadas de 60 e 70 do século passado, grande parte da América Latina vivia sob um regime de exceção que impedia que a documentação circulasse livremente dentro e fora de cada país. Exercia um estreito contato com instituições que colaboravam no chamado na época Terceiro Mundo.

Foi após esse interregno de cinco anos fora do país que Josephina Albano regressa ao Brasil e a partir desse ano dedica-se apenas ao ensino e à pesquisa, até o seu falecimento, no Rio de Janeiro em 26 de novembro de 1995.

*“O meu primeiro sentimento é de gratidão porque considero um privilégio poder transmitir ensinamentos e experiências a jovens que escolhem a profissão como opção de vida – a escolha de servir – é a opção pelos pobres” (Albano, M.J.R.)<sup>13</sup>*

Foram mais de cinquenta anos de docência, contando sua experiência brasileira e internacional, que tornou-se seu ofício constante ao lado do exercício profissional de Serviço Social. Vai desde 1939, quando o Instituto Social contratou-a para lecionar Técnicas de Serviço Social, pois considerava importante ensinar a preparar de forma objetiva os roteiros de folha de rosto; relatórios de entrevistas; visitas e outros trabalhos, uma vez que não havia nada preparado nesse sentido nas instituições. Assim, a dedicação ao ensino estende-se até a década de 90 do século passado.

Na PUC-Rio teve uma linha de continuidade para sua docência. Ali, a partir de 1943, aproveitando seus conhecimentos do Mestrado que fizera nos Estados Unidos, ministra pela primeira vez as disciplinas Serviço Social de Casos e Serviço Social do Menor. Em 1949 oferece o primeiro curso de Supervisão. A seguir vieram as disciplinas de Serviço Social de Grupo, Desenvolvimento e Organização de Comunidade, considerando ser uma pioneira nos trabalhos comunitários.

Com o início do primeiro Programa de Mestrado em Serviço Social no Rio de Janeiro em 1972, no Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, encontrava-se a professora Josephina Albano lecionando Política Social na Pós-Graduação, no segundo semestre de 1973.

Após mais um período no exterior, a partir de 1978, é novamente contratada como professora de tempo contínuo na PUC-Rio, vindo a lecionar as disciplinas de Planejamento Social, Serviço Social em Programas de Habitação, Administração Social, Estudo de Problemas Brasileiros. Orientou, também, dissertações de Mestrado e desenvolveu pesquisas com seus alunos.

Entretanto, a docência não era exclusivamente exercida na PUC-Rio, foi também professora na Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado da Guanabara (hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro) no período de 1961 a 1966.

Na Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro contribuiu com seus ensinamentos em 1973 e na Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense em Campos em 1979, ministrou a disciplina Desenvolvimento de Comunidade.

Não há dúvida que várias gerações de assistentes sociais foram marcadas pelo ensinamento que expôs no âmbito acadêmico. Afinal, foi uma vida dedicada aos outros pelo saber do Serviço Social.

A docência no exterior foi acoplada nos serviços da assessoria e consultoria desenvolvidas. Quando atuou como assessora da ONU, junto ao o governo das Filipinas (outubro de 1947 a janeiro de 1949) encontrou uma terra destruída pela ocupação dos japoneses durante a 2ª. Guerra Mundial. A estrutura administrativa de Bem-Estar estava arrasada, tendo em vista as conseqüências da guerra que repercutiram em todo o país. A assessoria como experiência intercultural esteve atenta à susceptibilidade daqueles que receberam a assistência. A

---

<sup>13</sup> Albano, M.J.R. Agradecimento a homenagem recebida do CRAS (Conselho Regional de Assistentes Sociais) – 7ª. Região em 15 de maio de 1981. Texto localizado no acervo do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

organização do Bem-Estar Social passou então a focar sua atenção na capacitação do pessoal das instituições sociais.

Josephina Albano além de outros trabalhos organizou com seus colaboradores locais cursos junto aos primeiros Institutos de Serviço Social em Manila e segundo sua observação foram formados cerca de 500 pessoas (Minha Experiência Internacional, s.d)<sup>14</sup>. Colaborou com a Associação Filipina de Assistentes Sociais na elaboração de um projeto para a futura escola de Serviço Social no país.

A experiência foi riquíssima e desafiadora.

A participação de Josephina Albano como chefe da Seção de Serviço Social da União Panamericana (hoje OEA) de novembro de 1952 a dezembro de 1959 foi muito importante para a constituição do ensino e pesquisa em Serviço Social nos vários países da América do Sul. Foi criada nesse período a revista Serviço Social Interamericano da Secretaria do Conselho Interamericano Econômico Social com a finalidade de agregar contribuições de colegas latinos, para além de serem oferecidos resumos de textos de interesse social. Várias publicações foram comunicadas em Congressos, a intenção era levar aos altos escalões nacionais o que objetivava o Serviço Social.

Só para citar, dentre a vasta coleção de publicações de autoria de Albano, vale registrar o estudo sobre “Serviço Social e a Mão de Obra”, apresentado no Congresso Latino Americano de Mão de Obra, em Lima, Peru, em 1952; “Assistência Social” no Congresso Nacional de Serviço Social nos Estados Unidos, em 1955; “Família e o Serviço Social”, para o 5º. Congresso Panamericano da Criança, no Panamá, em 1955; “Serviço Social Industrial na América Latina”, apresentado no 8º. Congresso Internacional de Serviço Social, em Munique, na Alemanha, em agosto de 1956. O Trabalho “El fator humano em los Programas de Pre habitación de Tugúrios” (favelas) apresentado na Primeira Reunião Interamericana da Habitação e Planejamento em Bogotá, em dezembro de 1956.

Seu ensino do Desenvolvimento de Comunidade, Administração de Programas de Habitação foi realizado não só no Brasil, mas também na Venezuela, Colômbia e Paraguai.

O que se compreende por esta exposição é que o saber e a humanidade de Josephina Albano tornaram-se presentes no âmbito público, porque arriscou-se e interveio nas questões políticas, isto é, aquelas que dizem respeito não só aos especialistas, mas também ao homem e mulher comuns. Saliente-se que, nessas ações, o que sempre se destacou foi a pessoa humana e sua capacidade de desenvolvimento.

Albano antes de 1943, quando alcançou o título inédito entre os assistentes sociais de Mestre em Ciências da Universidade de Columbia, era o que se pode chamar “famosa”, mas foi no decorrer dos anos subsequentes que se tornou uma figura pública em Serviço Social, embora desconhecida para a geração do atual século.

Chama atenção a reportagem do Jornal Correio da Noite, periódico do Rio de Janeiro (agosto de 1940), que relata a defesa e aprovação da tese de graduação de Serviço Social de Josephina Albano no Instituto Social, apresentada por ela em 1940.

Também, no mencionado Correio da Noite outra notícia sobre Albano é destaque, quando o periódico informa ao público o título honorário que a assistente social brasileira recebeu das

---

<sup>14</sup> ALBANO. M.J.R. Minha Experiência Internacional, s.d. Texto localizado no acervo do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

mãos da Sra. Eleonora Roosevelt, esposa do Presidente Roosevelt, em 10 de outubro de 1941. A honra é conferida por participar da Semana Interamericana sobre “A Mulher nas Américas – sua contribuição para a solidariedade”. Josephina Albano apresenta o trabalho que dá uma “visão geral do Brasil, situa a mulher na lei brasileira, a mulher no serviço social no Brasil, a mulher nas universidades”<sup>15</sup>. O Título é o de Master of Human Letters, da Russell Sage College, de Troy, Estados Unidos.

As premiações e distinções continuaram na Universidade de Columbia, onde fizera o seu Mestrado na New York School of Social Work. Recebeu o Prêmio “Heran Award Winner Hope” atribuído pela Associação de Ex-alunos da Universidade, durante a Conferência do ano de 1957 (27 de abril).

Anos depois, os membros do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio a homenagearam no dia 15 de maio de 1979, com a entrega de uma placa comemorativa pela passagem de aniversário de 40 anos de profissão.

No Brasil, a opinião geral profissional também se manifesta. Por indicação do Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais – CBCISS, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro faz uma moção de distinção a ela como: “Pioneira do Serviço Social”, em maio de 1985.

Novamente, em 13 de janeiro de 1986, o Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e o CBCISS prestaram uma singela homenagem a Josephina Albano, por ocasião do 70º aniversário da estimada colega.

A PUC-Rio como Universidade concede a Josephina Albano a importante Medalha de Mérito Cardeal Leme no dia 6 de dezembro de 1994 pela sua contribuição ao desenvolvimento do Serviço Social na Universidade e no país.

O Conselho Regional de Assistentes Sociais – 7ª. Região, CRAS, prestou uma homenagem a sua primeira presidente, em suas dependências, no dia 15 de maio de 1981.

O Conselho Regional de Serviço Social- 7ª. Região, antigo “CRAS”, como já dito, denominou sua Biblioteca de “Maria Josephina Rabello Albano”, em maio de 1996, como forma de prestar reconhecimento à sua primeira presidente.

É uma justa homenagem póstuma, a que Josephina Albano não pode se manifestar, contudo diante das palavras colhidas no depoimento que deu para o vídeo “Estórias de Quem Faz História”<sup>16</sup>, preparado em comemoração ao Dia do Assistente Social de 1995 pelo CRESS, reconhece-se que sua visão de mundo esteve sempre consciente da dinâmica das transformações das sociedades, haja vista a integridade e dedicação ao Serviço Social. Extraí-se de seu discurso: *“fazer Serviço Social, hoje? Haja coragem!... No passado era o desafio de enfrentar/criar o mercado de trabalho... No presente é o desafio da luta contra a barbárie social e pela afirmação de valores humanistas e democráticos”*.

Josephina Albano foi, sem dúvida, uma personalidade fascinante, sempre teve a capacidade de enfrentar desafios. Sua trajetória revela uma extraordinária independência para superá-los e uma excepcional força para iniciar caminhos novos.

Rio de Janeiro, 07 de março de 2012

<sup>15</sup> Reportagem localizada no acervo do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

<sup>16</sup> ALBANO, M.J.R. vídeo “Estórias de Quem faz História”. CRESS 7ª. Região, 1995.